

# ANÁLISE MILITAR DA CAMPANHA INSURRECIONAL LUSO-BRASILEIRA CONTRA O DOMÍNIO HOLAN- DÊS NO SÉCULO XVII

Maj ALUIZIO DE UZÊDA  
Oficial de EM.

## 1 — INTRODUÇÃO

Reconhecendo o valor da História para o militar, ciente da conceituação moderna da Guerra, aqui nos apresentamos fazendo um ensaio de análise, eminentemente conclusiva, sobre um fato histórico nacional, que é hoje merecedor do maior realce e digno de maior meditação e estudo pelas nossas FF. AA.

A Insurreição Pernambucana, contra o domínio holandês, vivida por nossos ancestrais no século XVII, adquiriu especial importância, hoje, pelo exemplo nacional do desenvolvimento e êxito plenos do "sistema de guerrilhas" adotados nas Guerras Revolucionária e Insurrecional, de ontem, de hoje e tudo indica, de amanhã. Não nos deteremos em descrições históricas, sobre as quais desde os bancos da escola primária se ouve menção, mas abordaremos o tema simples e diretamente sob a forma de "causas e conseqüências" para que sirva de subsídio para nossos estudiosos e motivo de meditação para todos nós.

## 1A — AMBIENTAÇÃO

Para bem situarmo-nos no tema, façamos uma ligeira ambientação retrospectiva, sobre o momento e ambiente em que se processaram as invasões holandesas ao NE brasileiro.

Estávamos em começos do século XVII, quando, na Europa, a Holanda acabava de libertar-se do domínio espanhol a custo de duras lutas; vivíamos em plena era do Renascimento e pleno desenvolvimento das cruentas lutas religiosas contra a supremacia da religião católica romana; Portugal com o desastre de Alcácer-Kibir passava para o domínio espanhol; nos mares imperava o corso e a sede de aventuras e conquistas; da América, a Espanha carregava a fácil e fabulosa riqueza incaica, maia e azteca; Portugal com a mudança de domínio deixava de ser o principal fornecedor de especiarias aos comerciantes holandeses.

O Brasil, com pouco mais de um século de descoberto, politicamente dividido em 14 capitanias e 2 governos gerais com sedes em São Luiz e Salvador, economicamente em franco progresso, com as já acentuadas produções de pau brasil, açúcar, gado vacum, mandioca, milho, etc; vítima ainda de cada vez mais bem organizadas expedições de rapina por partes de ingleses, franceses e holandeses; com o vasto litoral do Amazonas a S. Vicente por guardar, defender e desenvolver; atraído para o interior pela voz da cobiça do ouro fácil que chegava dos castelhanos e pela necessidade da busca de braços cativos para a mão-de-obra, atraído portanto para duas frentes apostas; contando com mui rarefeita população branca e outro tanto deficiente apoio moral e material da sede Lisboa e socialmente já vivendo sobre a égide de um regime patriarcal imposto pelas circunstâncias do momento e que tantas consequências nos trouxe; era assim portanto uma presa fácil e tentadora para os povos do velho mundo, em busca de aventuras, solução de rivalidades, ampliação de seus domínios terrestres, e busca de novas bases de operações militares ou comerciais.

Esse era em linhas gerais o ambiente social, político e econômico reinante no mundo do início do século XVII quando vivemos a primeira tentativa de conquista de vulto por parte dos holandeses.

Sabemos como foram frustradas tôdas as tentativas de dominação estrangeira daquele Brasil nascente e com que sacrifícios e bravura, através da descrição histórica já tão nossa conhecida.

Passemos então, a mais elevadamente, embora em resumo, a analisar causas e consequências que serão mais interessantes para nosso objetivo presente.

## 2 — CAUSAS DAS INVASÕES HOLANDESES

Alinhamos como principais causas das invasões holandesas no Brasil, as seguintes:

### 2.1 — *Regime de aventura, corso e ambição reinante nos mares na época*

Desde que descoberto, teve o Brasil a visita freqüente de expedições francesas, inglesas e holandesas.

### 2.2 — *Luta da Holanda contra Espanha de quem acabava de libertar-se após cruentas lutas.*

A luta pela liberdade estava praticamente terminada em 1621, mas ficavam ainda vivos a luta religiosa e os ressentimentos.

As invasões e conquista do Brasil ou de parte dêle, seria a abertura de uma segunda frente e uma represália aos espanhóis.

### 2.3 — *Subordinação da coroa lusa à espanhola com Felipe II, após o desastre de Alcácer-Kibir em que pereceu o infante D. Henrique sem deixar sucessor direto.*

- 2.4 — *Criação da Companhia das Índias Ocidentais* a exemplo da similar Oriental com o fito de realizar comércio, cabotagem e curso nos mares e terras ocidentais.
- 2.5 — *Criação de um entreposto comercial e base de operações* para os flamengos, desejosos de interceptar com suas operações de curso, as frotas espanholas que da América dirigiam-se à Europa carregadas de riquezas extraídas do seu nôvo domínio.
- 2.6 — *A fácil e compensadora prêsã que esperava-se fôsse o Brasil* face a uma expedição guerreira de vulto.

### 3 — CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES DESENVOLVIDAS

#### 3.1 — *Lado holandês*

##### 3.1.1 — *Superioridade de fôrças e organização*

Os flamengos sempre contaram nos combates com superioridade numérica de fôrças e organização militar, em Regimentos e Cias, mais coesas, mais militarizadas, de acôrdo com o último figurino europeu. Lutavam em formações maciças protegidos pelos piqueiros, e cou-raças. Formavam-se em três linhas, vanguarda, batalha e retaguarda. A vanguarda e a retaguarda funcionavam no combate como alas do dispositivo.

##### 3.1.2 — *Ataques frontais — Defensiva estática*

Para os desembarques usavam do ataque naval diversionário enquanto o esforço com a tropa de desembarque desbordava. Foram bem sucedidos. Nas operações terrestres, de um modo geral, viam-se ataques frontais emassados com preponderância da arma de fogo sôbre a branca, ataques lentos, exigência de amplo espaço e terreno plano ou livre para a manobra.

##### 3.1.3 — *Uso da guerra psicológica, nas fases iniciais dos embates travados.*

##### 3.1.4 — *Não confraternização com o inimigo.* O holandês, excessão feita ao grande Nassau, talvez levado mais por questão da diferença de religião, não procurava fazer amigos entre os luso-brasileiros, sempre os tratando como sêres inferiores ou desprezíveis.

##### 3.1.5 — *Fluxo de suprimento contínuo.* Enquanto puderam manter o domínio do mar ou dos portos, os holandeses sempre contaram com eficaz apoio logístico da metrópole.

##### 3.1.6 — *Pouco conhecimento das regiões de operações.* Os holandeses numa época em que não existiam cartas, é

óbvio, contando inicialmente com informações de agentes, que desde muito antes das invasões lhes eram fornecidas, sem possibilidades de reconhecimento, obstados pelas terríveis emboscadas dos naturais, partiam para o combate mais ou menos às escuras quanto ao fator terreno. É frisante o sucesso que passaram a obter quando orientados e informados pelo traidor Calabar.

3.1.7 — *Processos e tática de guerra não adequadas ao inimigo.*

O holandês amarrou-se até o fim aos processos e tática de guerra trazidos da Europa, teimando em não adaptar-se aos processos e tática empregados pelos naturais, apesar de reconhecer e sentir a superioridade dos mesmos sobre os seus.

3.1.8 — *Moral baixa.* O holandês, surpreendeu-se com a reação encontrada, com o processo e tática empregados pelo inimigo, apavoravam-se com o largo e hábil uso de arma branca feito pelo inimigo, logo teve sua moral grandemente abalada principalmente quando sabemos que suas expedições eram mais constituídas de comerciantes que soldados e destes grande parte era constituída de mercenários.

3.1.9 — *Relaxamento do princípio da surpresa.* O holandês inicialmente relaxou e finalmente parece que mal usou deste princípio de guerra em suas operações. Basta lembrarmos dos célebres combates das Taboças e as duas batalhas de Guararapes.

3.2 — *Lado Luso-Brasileiro*

3.2.1 — *Inferioridade de forças e organização.* Os lusos-brasileiros sempre lutaram com inferioridade numérica e organizacional, daí terem optado pela defensiva, mas uma defensiva agressiva que terminava pelo sítio ao inimigo.

3.2.2 — *Opção pela defensiva e busca do sítio, cerco ou bloqueio.* Como vimos no número anterior era isso uma consequência natural da inferioridade de forças, meios e organização.

3.2.3 — *Uso da guerra psicológica.* Também o luso-brasileiro logo que refeito da surpresa do primeiro embate recebido, fez largo uso da guerra psicológica.

3.2.4 — *Falta de unidade do Comando nas fases iniciais das lutas.* Exemplos frisantes são as divergências entre o bispo de Salvador e o Governador Geral.

3.2.5 — *Ausência de problemas logísticos.* Em que pese a já conhecida rusticidade do homem do nordeste, não

resta dúvida que ao habitante da região de operações daquela época, não constituíram problema as deficiências logísticas, ao contrário do que acontecia com o invasor holandês que ficava na inteira dependência do fruto do saque ou apoio de além-mar.

3.2.6 — *Largo conhecimento da região das operações.* É óbvio.

O luso-brasileiro já perfeitamente adaptado ao meio física etnologicamente, lutava já em um habitat.

3.2.7 — *Processos e tática de guerra adequadas ao meio ambiente, às forças e às organizações existentes.* O luso-brasileiro assimilou-se inteiramente ao nativo por força das circunstâncias, para fazer face aos largos espaços diminutas forças, ambiente hostil, fechado de matas e cerrados, cortado apenas por picadas ligando as principais localidades. Mesclado já ao negro e ao índio, falto de recursos vindos da metrópole, o português adaptou-se e aceitou os processos, tática e armamento indígenas, levado pela necessidade e logo teve o prazer de ver satisfeitos seus designios com o sucesso que passou a obter. Organizado em Cias de Emboscadas onde a tática empregada era a da guerrilha, eminentemente ofensiva e onde os principais fatores de sucesso eram a surpresa tática, a arma branca e a moral elevada.

3.2.8 — *Elevado moral.* É um fator que ainda está em discussão se deve ser incluído na relação dos princípios de guerra.

Mas é um fator que nessa campanha foi preponderante para a consecução da vitória e por isso mesmo, para quem percebeu bem a que custo aquela vitória foi conseguida, não pode haver dúvida na sua inclusão entre os consagrados princípios de guerra. Só um elevado moral, traduzindo já um sentimento patriótico e nativista edificantes podia unir aquelas três raças e fazê-las não conformarem-se com o domínio holandês, e lutar contra o mesmo durante 30 anos até sua eliminação total.

3.2.9 — *Deficiente apoio do escalão superior.* Excetuando o apoio dado com o envio das esquadras de D. Fradique de Toledo e Conde da Torre, os precários reforços com Bagnuolo e Rojas y Borrás e a chegada do mestre de Campo Barreto de Menezes; pouco ou nada mais deu ou pôde dar de apoio material a metrópole Lisboa ou Madrid aos heróicos e tenazes defensores da terra brasileira, o que sem dúvida mais realça o feito dos mesmos e mais nacional torna seus esforços.

3.2.10 — *Apoio integral das populações locais.* Forçoso é reconhecer a importância deste fator para a causa luso-brasileira.

O apoio integral da população é que permitiu aos "rebelados", a estarem sempre ao par dos movimentos e intenções holandesas, a despreocuparem-se com os problemas de logística, a esconder seus movimentos e intenções, permitindo a surpresa, etc.

Parece que ficou bem patenteado naquela campanha que o "apoio da população" aliado ao fator "moral" são os sustentáculos do sucesso guerrilheiro.

#### 4 — CAUSAS DO SUCESSO LUSO-BRASILEIRO

##### 4.1 — *Evolução da defensiva para a ofensiva*

Logo que refeitos do ataque combinado que os desalojou de suas bases Salvador e Recife — Olinda, os luso-brasileiros passaram a uma defensiva altamente dinâmica e logo, com seu modo de combater em pequenos grupos separados e de preferência à arma branca, avançando, recuando e armando ciladas, conseguiram a iniciativa aproveitando-se ao máximo da surpresa e do terreno do qual eram profundos conhecedores.

##### 4.2 — *Organização e táticas militares adotadas*

Para fazer face aos largos espaços, ao terreno hostil, ao tipo de guerra de encontro ainda adotado pelos europeus e à deficiência de meios, o luso-brasileiro, embora organizado em Terços e Cias a semelhança do holandês, usou de uma tática inteiramente diversa deste, adotando inteiramente os processos de combate do nativo, processos esses perfeitamente adaptados à situação (terreno e meios) e onde imperava a bravura pessoal, a astúcia, a inteligência e a intuição.

O objetivo dos luso-brasileiros era destruir o inimigo enquanto o deste era a posse e manutenção do terreno conquistado, (objetivos geográficos). É justo ressaltar, porque abona os méritos dos insurgentes, que foi necessário mais de um século ainda, para que essa idéia de destruição do inimigo viesse a transformar-se, pelos grandes capitães do século seguinte, em dogma da arte militar.

##### 4.3 — *Recebimento de reforços do interior e exterior*

De S. Vicente ao Amazonas correram, quase que em levas contínuas reforços em homens e suprimento.

Do exterior, embora já citado como deficientes, não podem deixar de ser lembrados como benéficos os reforços enviados, pois que de fato o foram.

#### 4.4 — *Elevado e nunca abalçado moral*

Já o consideramos como um princípio de guerra. A lembrança dos sacrifícios, espírito de luta e esforços despendidos durante trinta longos anos de mais derrotas que vitórias nos faz sentir orgulhosos de pertencer a esta raça caldeada em formação.

#### 4.5 — *Supremacia da arma branca sôbre o arcabuz*

Primeiro pela surprêsa causada ao inimigo e segundo pela eficiência demonstrada naquele terreno irregular e matoso contra um arcabuz de cadência de tiro muito lenta e sujeito a muita pane. É o próprio holandês em seus relatórios quem isso reconhece; enquanto preparava um tiro era crivado por meia dúzia de certeiras flexas. O arco e flexa tornaram-se o pavor do holandês que no corpo a corpo a tacape e faca nunca levava vantagens apesar de seu físico desenvolvido mas de movimento lerdo com sua couraça, fardamento complexo, arcabuz e espada pesada. Contra os piqueiros logo os brasileiros opuseram uns maiores ainda e mais leves.

#### 4.6 — *Apoio da população (já citado)*

#### 4.7 — *Sentimento nacional*

O sentimento de brasilidade já arraigado nos luso-brasileiros de então, fizeram de patriótico o esforço dispendido naquela campanha, quando se viram quase que inteiramente abandonados pela metrópole colonizadora e o que fêz com que surgisse em suas mentalidades o primeiro grito de independência da mesma.

Abandonando família, propriedades, confôrto e interesses subalternos, nativos e luso-brasileiros de todos os rincões do Amazonas a S. Vicente, ocorreram ao apêlo intrínseco que a pátria-nova fazia a seus filhos ou adotantes.

### 5 — CAUSAS DO INSUCESSO FLAMENGO

#### 5.1 — *Perda da iniciativa passando para a atitude defensiva*

Com a preocupação mais de saque que de consolidação da conquista, coisa que julgavam fácil, os holandeses não

completavam suas conquistas perseguindo ou procurando manter o contato com o inimigo que refluía abandonando suas defesas.

5.2 — *Quebra ou longa interrupção do fluxo de suprimento vindo do exterior*

O holandês não conseguindo destruir o inimigo que acabou por sitiá-lo por terra, ficou na dependência do domínio dos portos ou seja do recebimento de todos os recursos através do mar.

5.3 — *Subordinação de interesses econômicos aos militares*

As expedições holandesas como a própria Cia das Índias Ocidentais, eram mais mercantilistas que guerreiras e mesmo depois de instaladas na nova conquista puseram sempre a consolidação da mesma em prioridade secundária. O principal objetivo era o envio de presas de valor, a jatos contínuos para a Europa e servir de base de operações para as frotas que buscavam captar comboios espanhóis que saíam do mar das Antilhas peçados de ouro e prata rumo à península Ibérica.

5.4 — *Má administração da terra conquistada*

Excetuando os sete anos durante os quais dirigiu a empresa o Príncipe Nassau que preocupou-se com a administração, com a organização do governo, com a assimilação do povo e terra conquistadas, o que correspondeu ao período áureo da dominação, período que deixou frutos que se prolongaram até nossos dias; de u'a maneira geral, conforme determinação da própria Cia das Índias, empresária da conquista, o holandês preocupou-se exclusivamente com o lucro da mercância, o saque e defesa desordenada de terreno conquistado. Não procurou trazer a si o povo nativo, o que talvez lhes tivessem dado melhores resultados, pois eram mais fartos de recursos de toda espécie que a pobre e pequenina, embora ativa, Portugal.

5.5 — *Dispersão de esforços*

O holandês buscou sempre e dispersivamente no maior das vezes, bater o inimigo onde este estivesse fortificado ou organizado, procurava mais os objetivos geográficos que a destruição do inimigo.

5.6 — *Inadaptação da tática europeia à indígena*

Já foi bastante citado este fator. É interessante observar que com o auxílio de Calabar os flamengos obtiveram sucessos que sozinhos não teriam talvez obtido mas que nem assim procuraram assimilar à tática indígena que tanto sucesso dava a seus adversários. Perdido Calabar, voltaram aos processos metropolitanos já citados.

5.7 — *Falta de apoio da população civil*

Outros Calabares tivessem surgido e o holandês não teria, talvez, sido batido, surpreendido, perseguido e expulso como foi.

Tivesse a Cia das Índias consentido na política apaziguadora de Nassau e o NE brasileiro, talvez, não fôsse hoje brasileiro.

## 6 — CONSEQUÊNCIAS DA DOMINAÇÃO HOLANDESA PARA NOSSA ESTRUTURA POLÍTICA, ECONÔMICA E MILITAR

Primeiramente é interessante observar que com a dominação do NE, o Sul do Brasil continuou seu trabalho normal de colonização e devassamento do território; as entradas e bandeiras estavam em pleno desenvolvimento.

Como principais conseqüências da dominação flamenga para o Brasil, alinhamos as seguintes:

6.1 — Reorganização e reforço das forças regulares com a criação de Regimentos e Terços de milícias alguns deles mesmo às expensas de homens ricos como o caso de Fernandes Vieira e Henrique Dias.

6.2 — Aquisição de características nacionais de nossas forças militares, com definição de nossas peculiaridades táticas de ação, organização e constituição, em presença de recursos bélicos modernos para a época.

Por influência flamenga, que na época foi vanguardeira dos progressos militares, muito progrediram com inovações introduzidas no equipamento, armamento, fortificação e operações navais, as nossas forças militares.

Criação de uma atmosfera de entusiasmo militar e guerreiro chegando o exemplo de Pernambuco a ser aconselhado pelo governo às outras capitanias.

6.3 — Politicamente tivemos a volta ao governo geral unificado com sua sede ainda em Salvador.

Também obrigamos Portugal a dar mais atenção para a Colônia que depois daquele feito bem poderia acabar querendo livrar-se de u'a metrópole que só ônus causava e sacrificios pedia ou impunha.

6.4 — Economicamente tivemos uma conseqüência negativa para o NE que depois de ter passado por um período de franco progresso estêve como que estacionado durante a dominação flamenga e precisou de novos esforços e tempo para retomar aquêle ritmo anterior.

6.5 — Socialmente é que vemos as principais conseqüências com o surgimento de um espírito eminentemente nacional, conseqüência da confiança do povo no seu próprio valor, ha-

vendo até autores que afirmam ser Pernambuco o berço da nacionalidade brasileira.

Surge sub-repticiamente o ideal separatista ou de independência e melhor do que em qualquer outra ocasião ou outro motivo, afirma-se a união e entrelaçamento das três raças nossas formadoras.

## 7 — CONCLUSÃO

A dominação holandesa de nosso NE significaria, não só a ruptura de nossa continuidade territorial mas também da homogeneidade de formação do povo brasileiro, cuja unidade política já estava ameaçada com a criação de dois Estados, o do Brasil e do Maranhão, apesar da convergência de ambos em Lisboa. Ficaria enxertado entre dois Estados, um terceiro, a Nova Holanda, uma cultura, língua, e raça diferentes com tendências naturais à expansão, obediente às impulsões próprias da civilização da época.

Felizmente a política internacional holandesa, não visando a interesses maiores que os mercantis, não soube compreender e menos aproveitar a ação do eminente estadista e político que foi Nassau que vinha criando efetivamente uma Nova Holanda.

Para nosso benefício, ainda, a própria Holanda voltou-se contra Nassau, dando continuidade às espontâneas tendências à reação contra os intrusos surgidas e sempre acentuadas entre os luso-brasileiros. Mas não podemos deixar de considerar também como um fruto das boas sementes aqui plantadas pelos lusos, essa memorável passagem de nossa história.

A epopéia da expulsão dos holandeses foi fato decisivo no processo de nossa formação nacional no quadro da civilização lusitana, mas já então, revelando características anímicas próprias, como bem discerniu Capistrano de Abreu. Características que assinalam um vigor não desprezível, vigor que foi a força militar afinal outrora preponderante e que poderá ainda no presente e futuro desempenhar eminente papel tal seja a capacidade de nossas elites em saber aproveitá-lo.

Considerando-se o valor da história para o militar, associado ao papel que na idade atual corresponde o NE no quadro nacional por sua situação estratégica face ao mundo oriental, tendo ao longe da costa mas suficientemente perto, o posto avançado de Fernando de Noronha, está predestinado a exercer importante função militar.

Lembremo-nos ainda que é em Pernambuco que o N se liga ao Sul ainda hoje e que quando se consolidar perfeitamente a mudança da Capital para o planalto Central, Pernambuco exercerá a função de posto avançado ou flanco guarda. Como ensinamentos ainda queremos ressaltar o valor da moral, da surpresa e a procura da batalha decisiva da qual de certo modo fomos os precursores assim como provavelmente o estaríamos sendo da guerra moderna, ao adotarmos o sistema de guerrilhas hoje preconizado para os grandes espaços, para a guerra atômica, para a guerra insurrecional.

Não será essa a tática que nos convém ainda hoje?